

UMA CRÔNICA PARA GOBINEAU

Ronaldo Guimarães Galvão¹

Resumo: Tomando como base a análise de uma crônica literária do jornalista José Brito Broca, este artigo propõe uma leitura sobre a estada do embaixador francês Joseph-Arthur de Gobineau no Brasil (1869 a 1870), um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX.

Palavras-chave: Racismo; Gobineau; Crônica Literária; Brito Broca.

Abstract: *Based on the analysis of journalist José Brito Broca, this article reflects on the stay of the French ambassador Joseph-Arthur de Gobineau, one of the most important theorists of racism in the nineteenth century, in Brazil between 1869 and 1870.*

Keywords: *Racism; Gobineau; Literary Chronicle; Brito Broca.*

INTRODUÇÃO

Fruto de pesquisa realizada para dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo, este texto aborda a estada do Conde de Gobineau no Brasil, mediante a análise de uma crônica do jornalista brasileiro José Brito Broca. A pesquisa desenvolvida privilegiou o processo de intercâmbio de culturas entre o Brasil e a França, considerando o modo de apreensão exibido em textos cuja temática tratava das relações culturais entre os dois países. Entre outras coisas, tal estudo nos permitiu conhecer como se deu o contato entre o embaixador francês e a cultura brasileira e também observar o método criador do cronista.

Pela atenção aos fatos que envolviam as relações entre escritores e intelectuais (brasileiros ou não) e suas respectivas obras, Brito Broca tornou-se um dos principais vulgarizadores do que se denominou "vida literária" no Brasil. Por se pautar no autodidatismo, Broca desenvolveu um método próprio de análise que nem sempre foi consenso entre os especialistas em literatura. Por escrever diariamente nos jornais do País, a divulgação de seu trabalho, feita

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (2010). E-mail: ronaldogalvao@usp.br.

"aos pedaços", foi também alvo de críticas negativas, sobretudo no que diz respeito à omissão das fontes consultadas para a composição de seus textos que, tendo a crônica como suporte, fogem um pouco (senão totalmente) dos moldes praticados nas pesquisas acadêmicas.

Vale lembrar que durante esta análise procuramos sempre nos ater às referências bibliográficas indicadas pelo cronista, com o objetivo de divulgar tais fontes. Entretanto, esse foi também um dos principais desafios de toda a pesquisa, uma vez que é muito comum a não-citação da fonte consultada pelo cronista. Para que algumas "lacunas" fossem preenchidas, foi necessário recorrer a outras obras que nem sempre correspondiam àquelas utilizadas por Broca. A intenção não foi desmembrar o tecido e apontar os defeitos ou deslizes da obra do cronista, foi antes um desejo de poder compartilhar desse conhecimento, trazendo suas referências mais ao alcance daqueles que delas possam necessitar.

O recorte cronológico observado no artigo de Brito Broca coincide com o período correspondente ao Segundo Reinado, sob o comando de D. Pedro II. Dentre vários acontecimentos que marcaram a época, destacam-se a Guerra do Paraguai, a qual, segundo alguns historiadores, serviu para delinear o perfil alienado de Pedro II diante de questões importantes para o País; a consolidação da elite cafeeira; e, na contramão dessa cultura, a campanha abolicionista, defendida por intelectuais e escritores como Joaquim Nabuco, José de Alencar e tantos outros.

Pedro II era tido como um homem "culto, amigo de sábios, de intelectuais e de governantes ilustres, apoiador de iniciativas no campo da pesquisa, da literatura e das artes" (LOPES; MOTA, 2008, p. 473). Gobineau, por sua vez, nutria verdadeira ojeriza pelo Brasil. Os traços caracterizadores dessas duas figuras culminaram em uma amizade cujas influências viriam a ser percebidas posteriormente nos episódios que marcaram o fim da escravidão e a querela da imigração no Brasil justamente num momento – que poderia ter sido um divisor na formação de um novo perfil da população do País – em que não se cogitou uma sociedade onde ex-escravos fossem transformados em trabalhadores livres, ou mesmo que pessoas das áreas pobres do Nordeste assumissem os postos antes ocupados por esses escravos.

A negação das duas propostas para solucionar o problema de mão de obra nas fazendas de café é fruto, como apontou o historiador Boris Fausto, de "preconceito dos grandes fazendeiros" e da dúvida que muitos escravos tinham a respeito da situação em que ficariam caso se convertessem em trabalhadores para seus antigos donos.

Outro fator apontado pelo historiador nos revela que os "mestiços nascidos ao longo da colonização portuguesa eram também considerados seres inferiores, e a única salvação para o Brasil consistiria em europeizá-lo o mais depressa possível" (FAUSTO, 2008, p. 205). Segundo o autor, essa mentalidade racista ganhou força em razão da influência de autores europeus como Buckle e o próprio Gobineau.

NA TRILHA DO CRONISTA

Tido como um dos mais importantes teóricos do racismo no século XIX, o francês Joseph-Arthur de Gobineau² – poeta, escultor, romancista e diplomata – é tema de crônica datada de 1950/1951, intitulada “Gobineau: convicções e ojerizas ou Arthur-Joseph no ‘Deserto’ do Novo Mundo”³. Trata-se de um artigo recolhido em *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*, obra póstuma de Brito Broca, cujo interesse pelo tema, diferentemente de outras crônicas em que são vistos de modo mais claro, não se encontra tão evidente, ainda que o assunto pareça bastante pertinente aos estudos das relações culturais franco-brasileiras.

Os primeiros passos do cronista consistem na apresentação do Conde de Gobineau a seus leitores, mostrando-lhes os principais traços de sua obra e de seu pensamento. À medida que adentramos o artigo, mais nos damos conta da personalidade polêmica desse homem e de sua estranha relação com o

² Ville-d’Avray, França, 14 de julho de 1816 - Turim, Itália, 13 de outubro de 1882. De família comum, de poucas posses, Gobineau foi funcionário público, chegando a exercer a função de secretário do escritor Alexis de Tocqueville em 1835. Em 1849 tornou-se diplomata, atuando em Berna, Hanover, Frankfurt, Teerã, Rio de Janeiro e Estocolmo. Em sua principal obra, *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, de 1855, afirmava que a mistura de raças (miscigenação) era inevitável e que levaria a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual.

³ Brito Broca ocupa-se uma vez mais do escritor numa crônica reunida em *Letras Francesas*, de 1969, cujo título é “A volta de Gobineau”.

Brasil (ou seria melhor dizer falta de relação?), fatos que por si só já justificariam qualquer pretexto para relatar sua presença entre nós.

Nessa crônica, as fontes de pesquisa de Brito Broca⁴ parecem estar mais evidentes ao leitor, uma vez que são apontadas tanto no corpo do texto quanto nas notas de rodapé que, embora não se saiba precisar se foram ou não inseridas por ele mesmo, trazem os nomes dos autores e suas respectivas obras de forma mais completa do que o habitual. Tratam-se, à primeira vista, das obras: *À sombra da estante* (1947), de Augusto Meyer; *Morceaux choisis* (1937), do próprio Gobineau; um artigo de Enrique Mendez Calzada, publicado no *La Nación* (Buenos Aires, sem data); e *Dom Pedro II e o Conde de Gobineau* (1938), de Georges Raeders⁵.

Isso posto, ainda não fica claro ao leitor qual teria sido a obra de maior referência para o cronista, visto que no percurso de seu texto não se vê nenhuma atitude no sentido de identificar com precisão em qual estudioso ele teria se baseado. Nossa hipótese aceita tanto a ideia de que ele teria feito uma mescla dessas referências ou mesmo se atido a alguma outra informação, não expressa no texto. Por esse motivo, a leitura dessa crônica será concomitante à obra de um estudioso que também se interessou pela estada do Conde de Gobineau em terras brasileiras e que, como já observado, também figura entre os autores consultados por Broca. Trata-se de Georges Raeders e sua obra *O Conde de Gobineau no Brasil*⁶.

Estabelecer conjecturas a respeito do tecido desse texto, no entanto, não garantirá resultado algum se antes não for feita sua leitura, verificando de perto como se dão suas amarras.

Dessa forma, quando se aproxima desse artigo e observa-se sua estrutura, conclui-se que o cronista mantém-se fiel à sua metodologia⁷. É, portanto, sempre imbuído de sua prática de localizar seus leitores no tempo

⁴ A ausência de referências bibliográficas nos textos de Broca é algo constante, podendo, como lembra Antonio Candido, "causar reparo num estudo de corte erudito e universitário". No entanto, o próprio crítico atribui o caso "[...] à elegância ensaística de uma exposição que quer ser o mais aliviada possível de qualquer exibicionismo" (CANDIDO, 1981, p. 8).

⁵ Com exceção do artigo de Enrique Mendez Calzada, as outras referências fazem parte do acervo do cronista, disponível na biblioteca do IEL-UNICAMP.

⁶ Essa obra também aparece no acervo de Brito Broca, motivo pelo qual se tomou a liberdade de consultá-la para este estudo. Ver Bibliografia Consultada.

⁷ Brito Broca tinha por hábito iniciar suas crônicas explicitando alguns pontos de referências a seus leitores para que, dessa forma, pudessem se situar em relação ao tema que apresentaria.

que ele aqui usará, como meio de ilustrar o contexto histórico vivido no Brasil no momento da chegada de Gobineau, os episódios finais da Guerra do Paraguai, em 1869. Na sequência, operando uma força de síntese, na qual busca informar seus leitores com elementos essenciais para compreensão do tema em debate, parte para uma pequena apresentação do diplomata francês enviado ao Brasil:

Escritor de grandes qualidades, já era então autor de uma obra que ia ter larga repercussão no futuro: *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*. Apesar disso, vinha fazendo carreira difícil, tanto na literatura como na diplomacia. Com vários livros publicados, entre os quais alguns de indiscutível mérito, não tinha conseguido interessar suficientemente o público e a crítica: enquanto como diplomata jamais interessara o governo, que preferia enviá-lo para pontos distantes do globo. Já estivera na Ásia. Agora vinha para a América do Sul. (BROCA, 1979, p. 311).

Georges Raeders, em *O Conde de Gobineau no Brasil*, conta que o diplomata achava-se na Grécia no momento de sua nomeação e que aguardava na verdade ser nomeado ministro da França em Constantinopla. Em 31 de maio de 1868, o francês teria escrito à irmã, informando-a de que faria de tudo para evitar o novo posto, pois não poderia levar a mulher e a filha mais nova.

Em sua crônica, Brito Broca reforça a ideia de que o francês teria empregado

(...) todos os esforços no sentido de evitar essa nomeação, mas fora impossível; tinha que submeter-se ao castigo, pois outra coisa não era senão um castigo a permanência numa terra semi-bárbara, de clima tropical, onde estaria continuamente constrangido, no mínimo, pelo espantinho da febre amarela. (BROCA, 1979, p. 311).

Raeders comenta ainda uma última tentativa de Gobineau, em Paris, de tentar trocar de posto e cita também o problema da febre amarela, “cujo primeiro caso ocorrera no Rio de Janeiro em 27 de setembro, [e que] grassava terrivelmente no Brasil, apesar das providências tomadas para sustar sua propagação” (RAEDERS, 1996, p. 11). Observa-se aqui, portanto, uma confluência de informações entre Broca e Raeders.

A questão de grande relevância trazida pela presença de Gobineau no Brasil refere-se, evidentemente, ao choque de culturas, sobretudo quando se considera o fato de que o diplomata acabara de emergir do convívio com povos de longas tradições para inserir-se em outro ambiente, cujas referências não lhe eram confortáveis.

Broca, como se depreende a seguir, é mais incisivo para descrever a questão:

Se na Ásia também sofrera as consequências de climas inóspitos, se também correria riscos e perigos, lá encontrara as remanescências de civilizações milenárias a excitar-lhe a curiosidade. Na América do Sul, explicavelmente, não pressentia nenhum motivo de interesse. Faltava o passado, faltava história à terra. Assim, ao avistar a baía de Guanabara, o anfiteatro de montanhas que a circunda, o diplomata francês recusa-se a emocionar-se, como se emocionara em Constantinopla, porque não vê na natureza do Brasil o reflexo do valor humano, que dá à paisagem do Bósforo um lustre maravilhoso. (BROCA, 1979, p. 311).

É exatamente após esse trecho que Broca afirma ter lido “numa página admirável” de Augusto Meyer⁸ uma crítica à atitude do Conde de Gobineau, que acreditava que nosso País não possuía nenhuma tradição que fosse digna de ser admirada. Verifiquemos, então, a posição de Meyer a esse respeito:

Não há paisagem que não deite raiz no passado e não respire de algum modo história. Às vezes, só história geológica, se quiserem, quando campeia em plena força a natureza virgem. Mas o tempo e a memória dos homens impregnam quase sempre as coisas de uma névoa de passado e evocação que as transfigura com não sei que toques de magia. Torna-se transparente qualquer paisagem, aos olhos de quem recorda ou tenta constituir os seus aspectos anteriores. E um país, uma cidade, uma rua, começa a desandar para as suas feições primitivas, a desmanchar-se, recompondo-se noutra ordem de planos, quando se projeta no seu passado a luz da fantasia histórica. (MEYER, 1947, p. 163-64).

Na sequência, o cronista tece uma série de questionamentos que fazem coro aos apontados por Augusto Meyer. Começa lembrando o escritor Eça de Queirós:

⁸ As considerações de Meyer encontram-se no capítulo “Gobineau e a paisagem inédita” (p. 163-171) de *À sombra da estante*.

(...) o homem, como observava Eça de Queirós constitui a maior curiosidade do mundo e, qualquer paisagem, urbana ou rural, o mais belo trecho da natureza, só será realmente interessante, quando a ele se liga o drama da vida humana. Estaria a terra brasileira assim tão destituída de “humanidade”? Nada exprimiria ela, nenhuma descoberta oferecia ao europeu hipercivilizado que vinha da França? (BROCA, 1979, p. 311-2).

O tom de crítica à postura de Gobineau prossegue em todo o parágrafo. Broca acredita que o exagero do diplomata “hipercivilizado” residia justamente no fato dele “não tomar conhecimento das nossas origens”, julgando possivelmente “encontrar-se numa terra meio selvagem, sem tradições, sem heranças”, desconsiderando até mesmo o fato de “que a América é a própria continuação do Velho Mundo”. Segundo o cronista, Gobineau “vê o homem americano como expressão de uma sub-humanidade, sem valorização histórica e sociológica”. Conclui ainda que

Em tais condições, era natural acabasse por sentir-se num deserto e começasse a bocejar de tédio. O deserto ele o trazia consigo não só pelo estado de espírito desfavorável e a conseqüente neurastenia em que para aqui veio, como pelo absurdo das teorias raciais que lhe embotavam a capacidade de abnegação e análise. (BROCA, 1979, p. 312).

Tais considerações nos levam a crer que Brito Broca se vê bastante influenciado pelas palavras de Augusto Meyer que, referindo-se à postura de Gobineau, diz:

Na observação de Gobineau acha-se representada tipicamente a atitude do europeu diante das “terras virgens”, que ele, saturado de erudição, supõe vazias de sentido humano, por força de um conceito relativo, nem sempre justo. São “paisagens inéditas”, dizia, concentrando no adjetivo o desdém. E, pensando em Constantinopla, ao contemplar a nossa baía, acrescentava: ‘Qu’est-ce que le plus achevé des paysages anonymes et muets en face d’un spectacle si parlant?’ No imenso deserto, só enxergou o Imperador. (MEYER, 1947, p. 164-65).

Observa-se que nos dois trechos acima tanto Broca quanto Meyer utilizam a palavra “deserto” para caracterizar o estado de espírito em que Gobineau dizia se encontrar quando estava no Brasil. Há ainda de se observar que as expressões “bocejar de tédio” e “terras virgens” “vazias de sentido humano” guardam entre si certa relação de sentido, uma vez que poderiam ser

interpretadas como alguém que se “entedia” por estar diante de um “marasmo total”. Sendo assim, vale afirmar que o posicionamento adotado por ambos parece confluir para uma proximidade de discursos em que um e outro ora valem-se da mesma palavra para se exprimir, ora valem-se de expressões que se complementam.

Depois de concluir que “a ilha” onde o escritor francês se confinou não era mais do que o fruto de seu voluntário distanciamento do meio em que passou a viver, nota-se que Brito Broca pede licença para expor algumas palavras “sobre o racismo de Gobineau”. Desse ponto em diante, o cronista fará um resumo, tocando nos pontos-chave que norteiam a obra maior do diplomata, *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines*, estudo nascido em 1853 e que, “embora provocasse algumas discussões, como uma polêmica com Tocqueville, não teve grande repercussão na época” (BROCA, 1979, p. 311).

Segundo Brito Broca, “a obra de Gobineau veio oferecer engenhosa estruturação ao racismo de Hitler”. A teoria do escritor tomava como base a valorização dos fatores raciais: “É pela elevação da raça que os povos atingem um alto grau de civilização; pela degenerescência étnica, que entram em decadência e morrem”.

Para Gobineau, a raça branca, composta pelos camitas, semitas e arianos, era superior a duas outras: a negra e a amarela. Entretanto, “os camitas, fundindo-se com os negros, em lugar de dominá-los, produziram aglomerados sociais precários” e os semitas, “misturando-se com os camitas deram em resultado sociedades frágeis: assírios, fenícios”. Sobram, portanto, os arianos que a princípio mantiveram sua pureza e “souberam construir as grandes civilizações”. Entretanto, “as miscigenações com o preto e o amarelo tornaram-se inevitáveis, inoculando fermentos degenerativos”. Dessa forma, os “germanos, porque se defenderam de tais misturas, tornaram-se fortes e poderosos e Gobineau antevê-lhes um grande futuro”.

Essas afirmativas levam o cronista a considerar que a teoria racista de Gobineau, além de tudo, ainda “repele (...) a organização democrática”, uma vez que sempre quando uma raça tida como inferior subir na escala social “estabelecer-se-á fusão dos diferentes elementos raciais”, ocasionando a corrupção das elites, sua degeneração, decadência e morte.

Tal concepção pode ser melhor ilustrada quando se verifica uma passagem do livro de Raeders, mais precisamente o décimo capítulo de sua obra, em que reproduz um trecho de umas das cartas de Gobineau a um de seus contemporâneos. Nela, lemos:

‘Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-se a tal ponto que os matizes da carnção são inúmeros, e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerescência do mais triste aspecto’ (...)

‘As melhores famílias têm cruzamentos com negros e índios. Estes produzem criaturas particularmente repugnantes, de um vermelho acobreado... A imperatriz tem três damas de honra: uma marrom, outra chocolate-claro e a terceira, violeta’. (RAEDERS, 1996, p. 39-40).

A esse respeito, é bastante oportuno verificarmos ainda a passagem em que o próprio Raeders comenta a postura de Gobineau. Vejamos:

É aí que o autor do *Ensaio* demonstra não apenas uma prevenção sistemática do filósofo que se obstina, apesar de todos os desmentidos da realidade, em apoiar a mais contestável doutrina que forjou, mas, mais que isso, o ódio de um homem intratável que não hesita em incorporar à concepção geral do universo seus pequenos problemas pessoais. (RAEDERS, 1996, p. 39).

Por concorrer para essa consideração, podemos juntar outra, proposta agora por Brito Broca, no momento em que também rebate o pensamento de Gobineau, alegando que a Sociologia moderna já havia posto tal ideia por terra – muito embora os alemães a tivessem tomado durante o Nazismo. Conclui, portanto, que:

Está provado não haver mais raça ariana pura, mesmo em estado de relativa pureza, e serem as condições sociais as determinantes do progresso e da decadência dos povos, nunca os motivos étnicos. (BROCA, 1979, p. 313).

Ainda sobre o debate da questão racial em Gobineau, Meyer lembra que a miscigenação brasileira já se achava em estágio considerável quando o diplomata veio para o Brasil, uma vez que por aqui já desfilavam imigrantes provenientes de vários cantos do mundo. Para temperarmos ainda mais esse caldo, vejamos novamente o autor de *À sombra da estante*, em outro trecho de seu texto em que também fala da teoria racista de Gobineau. Diz, então, ele:

A 'paisagem inédita' já então resumia uma experiência de três séculos e meio, com todos os complexos sociais de imigração e da mestiçagem em larga escala. E que riqueza de tons e entretons seria necessário empregar para reproduzir num mapa etnográfico a variedade de pigmentação, entecida na cruz surpreendente de tradições, usos, costumes, tudo em estado de fermentação imprevisível, em potencialidade bruta, como se algum demiurgo imaginoso tentasse, no cadinho de meio continente, precipitar a criação de um homem novo! (MEYER, 1947, p. 167-68).

Aqui o escritor aponta para a complexidade da formação do povo brasileiro, o que, para um estudioso de etnias, poderia configurar um vasto objeto de estudo para a sustentação de sua tese, ou quem sabe até para a elaboração de outras hipóteses.

Traçadas as principais linhas da teoria de Gobineau, Brito Broca, no momento seguinte, nos prestará mais conta de sua estada no Brasil. Assim, começa por dizer que:

Convicto da verdade da doutrina que formulara, Gobineau estabeleceu a certeza de encontrar aqui uma sociedade inferior, onde nada poderia atraí-lo. (...) Não há o que lhe mereça atenção e muito menos um comentário tolerante na terra brasileira. O escritor chega a dar-nos uma impressão desfavorável de inteligência na maneira mesquinha de julgar as coisas, na verdadeira impertinência que a todo momento revela. (BROCA, 1979, p. 313).

Brito Broca afirma que o diplomata recusou-se a admitir “a existência de qualquer intelectual brasileiro”. Segundo ele, apenas “um homem nessa cafraria de negros, mulatos e caboclos, de mandriões e mentirosos, um homem apenas com quem se podia falar: o Imperador” (BROCA, 1979, p. 314), fato que o próprio cronista contesta ao afirmar que “Se [Gobineau] declarava não ter com quem falar era, decerto, porque nunca procurara um José de Alencar, um Francisco Octaviano, um Macedo, um Nabuco de Araújo” (BROCA, 1979, p. 314). A mesma indignação vê o cronista quando, em carta a um amigo, Gobineau diz que “aqui nada encontra para fazer, pois não vê em jogo nenhum interesse francês, presente ou futuro”. Possivelmente incomodado com isso, Broca diz:

A afirmação chega a parecer ironia se nos lembrarmos do que era a influência francesa nessa época no Brasil e de como se

vêm mantendo estreitamente unidos, por objetivos e ideais comuns, até os dias presentes, os dois países. Mas no conceito de Gobineau, decerto, semelhante aproximação só poderia prejudicar a França. (BROCA, 1979, p. 314)

Como se pode depreender, a estada de Gobineau no Brasil limitou-se, de sua parte, à dedicação de seus atributos como ministro da França e às visitas ao Imperador, com o qual falava “das antigas civilizações da Índia e do Egito, dos grandes problemas europeus, do grego, do hebraico e frequentemente de Matemática, assunto muito ao sabor do monarca e que desnorteava um pouco o diplomata francês” (BROCA, 1979, p. 314). Entretanto, mesmo nessas conversas com o Imperador, lembra Augusto Meyer, sempre “reitera os termos do seu pedido de licença: voltar, voltar é o seu refrão” (1947, p. 171).

Se, como afirma Broca, Gobineau não quis se aproximar de nossos intelectuais, tampouco o fez para apropriar-se – ainda que de maneira superficial – de qualquer forma de manifestação de nossa literatura.

Raeders relata-nos que o Conde de Gobineau, entediado por encontrar-se no meio dos brasileiros, ocupou-se de dar cabo a alguns poemas que começara na Grécia. Também lia os clássicos e os romances franceses de autores contemporâneos, estes por encontrar com facilidade no Rio. Segundo Raeders,

Parece que da literatura brasileira propriamente dita só conheceu ‘um grande poema em português sobre a fundação do Rio. Bastante bonito, mas demasiado clássico, o que não o torna muito divertido’. Provavelmente, trata-se de *A Confederação dos Tamoios*, poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia, publicado em 1856. (RAEDERS, 1996, p. 65).

O diplomata francês não se interessou nem pela literatura, nem pela história do Brasil, o que, de acordo com Raeders, “pode ser visto como uma nova prova do preconceito de Gobineau” (1996, p. 65). Uma vez liquidados seus próprios trabalhos literários, passou a se dedicar à escultura.

No capítulo “O Brasil na obra de Gobineau”, é válido destacar, portanto, sua intenção de produzir uma *Histoire des Deux Amériques*, ideia logo abandonada em razão dos “desgostos” que havia sofrido entre os brasileiros.

Escrever algo que se passasse aqui também foi uma possibilidade que não lhe despertou interesse, como se verifica novamente com Raeders:

Recusou-se de uma vez por todas a escrever uma novela 'brasileira'. 'Uma novela brasileira é impossível. Não há aqui o menor assunto a descobrir. A natureza é mais extraordinária do que bela; isso poderia servir, no entanto, de moldura. Mas o que colocar dentro? Os brasileiros não despertam nenhum interesse e não têm nem costumes nacionais nem nada de particular, a não ser uma excessiva depravação com a qual se pode fazer um livro muito severo e duro, mas não uma novela; e gosto demais do imperador para escrever só uma palavra contra este povo infame. Todos mulatos, a ralé do gênero humano, e costumes condizentes'. (RAEDERS, 1996, p. 77).

Com o intuito exclusivo de agradar ao Imperador, Gobineau, segundo Raeders, teria escrito somente um trabalho completo sobre o Brasil: "L'émigration au Brésil". Trata-se de artigo publicado no *Le Correspondant*, nos números de julho e setembro de 1874, a respeito de dois livros: *L'empire du Brésil à l'Exposition Universelle de Vienne*, de 1873, e *Du climat et des maladies du Brésil*, do doutor Lund.

As considerações finais do artigo de Brito Broca referem-se a uma carta que Pedro II havia recebido de Gobineau, então de volta à França há pelo menos dez anos. O imperador fora quem primeiro escrevera ao embaixador-amigo, participando-o de suas perspectivas a respeito da nova reforma eleitoral e de sua esperança na educação do povo. Diante dessas afirmativas, Gobineau não abre mão de mais uma vez demonstrar sua aversão ao País. Segundo Broca, o francês procura desiludir Pedro II, "não somente quanto ao futuro da democracia, como quanto à instrução das massas", pois não "descrê apenas do Brasil; descrê da América e da Segunda República Francesa" (1979, p. 315).

Em relação ao objetivo do cronista, questionado no início desta análise, parece ficar claro que seu intuito foi investigar as marcas francesas no Brasil – fossem elas positivas ou não. De qualquer forma, o tema tratado dentro de uma crônica – e aqui não nos esqueçamos de seus traços caracterizadores –, além de indicar um episódio que muito possivelmente tenha marcado nossa história, colabora também para se fazer reavivar alguns detalhes de nossa vida literária.

REFERÊNCIAS

BROCA, José Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

_____. "Gobineau: convicções e ojerizas ou Arthur-Joseph no 'Deserto' do Novo Mundo" In: BROCA, José Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979. p. 311-5.

CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LOPEZ, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. *História do Brasil: uma interpretação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MEYER, Augusto. *À sombra da estante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

RAEDERS, Georges. *O Conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 51-66.

BARBOSA, Francisco de Assis. "Um D. Quixote das Letras" - Prefácio. In: BROCA, José Brito. *Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

_____. *Memórias*. Organizado, anotado e com introdução de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BROCA, J. B. *Ensaio da mão canhestra: Cervantes, Goethe, Dostoievski, Alencar, Coelho Netto, Pompeia*. São Paulo: Polis; Brasília: UNL, 1981. p. 7-10.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: _____. (dir.); COUTINHO, Eduardo. F. (codir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. p. 117-43. (V. 6).

EAGLETON, Terry. *A função da crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EULALIO, Alexandre. Prefácio. In: BROCA, José Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979. p. 9-14.

GALVÃO, Ronaldo Guimarães. "A contribuição de Brito Broca para a crônica brasileira". In: BARBOSA, Alexandre. M. L. (org.). *Brito Broca: o cronista da vida literária*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. p. 66-93.

_____. *Relações culturais Brasil-França nas crônicas de Brito Broca*. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: História, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

RAEDERS, Georges. *Dom Pedro II e o Conde de Gobineau*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

_____. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.

SANTIAGO, Silvano. Força Subterrânea - Prefácio. In: BROCA, José Brito. *Machado de Assis e a Política: mais outros estudos*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983. p. 9-15.

_____. "Lenha na fogueira (leituras em francês de Brito Broca)". *Remate de Males*, Campinas, UNICAMP, n. 11, p. 61-66, 1991.

PARRON, Tâmis. José de Alencar (1829-1877), escritos políticos. *Brasiliiana USP*. Disponível em: <www.brasiliana.usp.br/node/417>. Acesso em: 12/01/2012.